

---

# Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil

Dinah Callou

Juanito Ornelas de Avelar

## **Resumo**

*Considerações sobre ter e haver em construções existenciais, com o objetivo de estabelecer padrões de distribuição e apontar fatores estruturais e sociais responsáveis pela variação de uso. Os resultados são analisados qualitativa e quantitativamente, em tempo real e em tempo aparente. A amostra compõe-se de dados escritos, do século XIII ao XX e dados orais de entrevistas com falantes com curso universitário, representantes do dialeto padrão do Rio de Janeiro, estratificados por faixa etária e gênero. As entrevistas foram gravadas nas décadas de 70 e 90, a fim de permitir um estudo de tendências e de painel. Partindo de hipóteses diversas, chega-se à conclusão de que o uso de *ter-existencial* aumenta gradativamente através do tempo e sua origem remonta ao século XVI. Discute-se ainda a presença de um sujeito pronominal, geralmente, *você* e *a gente*, nessas construções, presença essa que deveria ser vista no conjunto de mudanças por que passa o português brasileiro.*

*Palavras-chave: construções existenciais; variação; mudança.*

## 1 Introdução

O uso de *ter* e *haver* em contextos existenciais é freqüentemente apresentado como um dos aspectos que permitem distinguir entre uma norma portuguesa e uma norma brasileira. Mateus *et alii* (1989), em capítulo sobre as normas de Portugal e do Brasil, citam a preferência pelo *ter* entre os brasileiros como uma das diferenças mais relevantes entre as duas variedades. Já no século XIX, Júlio Ribeiro assinala em sua *Grammatica Portugueza* que a ocorrência de *ter* vinha “se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas” (1914: 296).

A maioria dos estudos que envolvem o emprego desses dois verbos se restringe a verificar a superposição dessas formas no português arcaico (Mattos e Silva, 1997, 1996, 1989; Ribeiro, 1996) ou a apresentar as propriedades lexicais ou estruturais de uma ou outra forma (Viotti, 1999; Franchi *et alii*, 1998). Ainda está por se desenvolver, dessa forma, uma investigação que vise a dar conta, quantitativa e qualitativamente, da variação entre *ter* e *haver* no português brasileiro contemporâneo. Em estudos recentes, Callou & Avelar (1999; 2000), procurando preencher essa lacuna, vêm tentando identificar os fatores intra-e-extralingüísticos ligados a essa variação, partindo de seguinte questão: de que forma a substituição de *haver* por *ter* se encaixa em um conjunto maior de mudanças por que vem passando o português do Brasil?

Este artigo apresenta os resultados obtidos por Callou & Avelar, em dois anos de pesquisa, sobre o atual estágio da superposição de *ter* e *haver* no português oral contemporâneo, mais especificamente na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Além de uma exposição quantitativa, destacam-se alguns aspectos sintático-semânticos, bem como possíveis condicionamentos sociais, relacionados com a ocorrência dessas formas.

A pesquisa conta com quatro *corpora* do projeto NURC/RJ, dois contendo inquéritos realizados na década de 70 e dois na de 90, somando quarenta e um inquéritos, vinte e um em cada década. Os locutores, de nível superior, estão distribuídos por faixa etária (25-35; 36-55; 56...) e gênero, havendo dois *corpora* – um em cada década – com os mesmos informantes. Essa disposição dos informantes tem por finalidade detectar possíveis mudanças em curso envolvendo os dois verbos – em conformidade à Teoria da Variação lingüística proposta por Labov (1994) – através da análise em tempo aparente (distribuição por faixa etária) e em tempo real de curta duração (dois recortes temporais distintos). Foram levantadas 1528 construções existenciais (845 em 70 e 683 em 90), para cujo processamento foi utilizado o pacote de programas VARBRUL, o que tornou possível o tratamento estatístico e probabilístico dos dados.

O estudo vem sendo desenvolvido à luz da Sociolingüística Paramétrica, que concilia os conceitos de ‘encaixamento estrutural’, da teoria variacionista laboviana, e ‘parâmetro’, do modelo gerativista da década de 80: os mesmos princípios e parâmetros, de acordo com essa visão, deveriam dar conta da variação inter-e-intra-lingüística (Kato, 1996). A abordagem paramétrica tem a vantagem de tornar possível pre-

ver os rumos de uma determinada mudança, relacionando, por exemplo, a perda de uma propriedade com determinado valor paramétrico à perda de outra relacionada ao mesmo parâmetro. É no interior desse modelo que o presente estudo vem tentando responder à questão do encaixamento da substituição de *haver* por *ter* em outras mudanças verificadas na história do português brasileiro, embora tal questão não ganhe destaque neste artigo.

## 2 As construções existenciais com *ter* e *haver*

Não é simples delimitar o universo das construções existenciais, sobretudo pela dificuldade de se definir claramente a noção de existência, que estaria, em princípio, radicada não só no domínio semântico, mas também abrangeria uma conceituação em uma instância mais discursiva e/ou pragmática. No estudo ora realizado, a definição para as construções existenciais será de caráter meramente estrutural: trata-se de sentenças em que *ter* ou *haver* ocorre obrigatoriamente com um constituinte interno, e nunca com um constituinte sujeito de referência definida. Esses verbos podem ocorrer não apenas com o sentido de *existir*, como em (1) e (2), mas também com o de *ocorrer* ou *acontecer*, como em (3) e (4), dentre outros sentidos possíveis. Parte-se, assim, de uma definição estrutural para a delimitação do universo das construções existenciais aqui trabalhadas, embora se reconheçam as implicações semântico-discursivas intrínsecas à noção de existência.

(1) *tem uma partezinha assim pra você botar os pés* (70-088)

(2) *as vacas que havia eram quase todas subnutridas* (70-068)

(3) *aquele congresso que teve lá no Rio Sul* (90-347)

(4) *a coisa bonita que eu vi é quando havia a enchente do Pantanal* (90-140)

*Ter* e *haver*, na evolução da língua portuguesa, podem ser considerados verbos de ampla funcionalidade: ocorrem ora como verbos plenos, com expressão de posse, ora como verbos auxiliares portadores das categorias de tempo, modo e aspecto, e ainda como os chamados verbos funcionais, que "transferem" para seu objeto o papel de predicador da sentença. A superposição dessas formas em português pode ser explicada a partir de pontos de interseção nocionais em latim: do sentido básico de *manter* para *habere* derivaram-se os significados de *possuir*, *ocupar*, *tomar posse de*, e do sentido básico de *segurar* para *tenere* derivaram-se as expressões de *possuir*, *ocupar*, *obter*, *conseguir* (Faria, 1962).

Franchi *et alii* (1998), ao marcarem as propriedades lexicais dos verbos existenciais, assinalam que um tratamento apropriado para *ter* e *haver* seria considerá-los como "operadores funcionais". Numa estrutura existencial, a predicação viria a se estabelecer entre os dois elementos da "coda" das orações existenciais, e não pelo próprio verbo. Para os autores, a extensão do conteúdo semântico das relações expressas pelo verbo *ter* favorece o uso como verbo funcional, sendo o verbo, nesse senti-

do, o portador da dêixis temporal e da quantificação aspectual da oração. Assume-se tal posição no presente estudo, embora não sejam aqui apresentadas maiores considerações acerca das propriedades lexicais desses verbos.

Um aspecto que costuma ser considerado no estudo das sentenças de existência é o da relação estrutural entre estas e as expressões de posse. Durante muito tempo, alguns autores postularam a hipótese de que as estruturas possessivas e existenciais poderiam ser reunidas em um único grupo. Lyons (1979) observa que, em quase todas as línguas, essas construções poderiam derivar-se sintaticamente – tanto sincrônica quanto diacronicamente – de construções locativas. Guéron, 1986 (*apud* Franchi *et alii*) justifica essa posição com base no uso em francês do mesmo verbo, *avoir*, nos dois casos. O mesmo raciocínio poderia ser estendido ao português brasileiro, em que o uso do verbo *ter* na terceira pessoa do singular pode dar origem a uma construção existencial.

Essa hipótese derivacional já não é tão amplamente aceita (Viotti, 1999; Franchi *et alii*, 1998). Não se discutirá aqui tal questão, mas se recorrerá à relação entre as estruturas de posse e existência para dar conta de alguns aspectos sintático-semânticos presentes nas estruturas existenciais levantadas.

Outro aspecto a se considerar é a ocorrência de termos locativos, comum em muitas línguas, conforme aponta LYONS (1979, p. 410), que considera as frases existenciais como verdadeiras expressões locativas. Para o autor, “a afirmação de que alguma coisa existe ou existiu requer complementação com uma expressão locativa, ou temporal”, daí a co-ocorrência de verbos existenciais com partículas como o *there*, do inglês (em *there is*, *there are*), o *y* do francês (*il y a*), o *ci* do italiano (*ci sono*) e o *da* do alemão (*ist da*).

No português atual, a presença dessa expressão locativa dêitica, sempre presente nas expressões existenciais do português arcaico (Mattos e Silva), não é mais obrigatória, mas é freqüente a ocorrência de um advérbio ou um sintagma preposicional, indicando tempo ou lugar, ao lado de *ter* e *haver*, como nos exemplos que seguem:

(5) *tinha uma pracinha ali* (70-140)

(6) *houve um esvaziamento no centro da cidade* (70-273)

(7) *aquele congresso que teve lá no Rio Sul* (90-347)

As ocorrências sem uma expressão locativa são, quase sempre, limitados ao caso em que o verbo é seguido de um nome abstrato, como em (8) e (9). Embora ainda não se tenha realizado um estudo sistemático dessas ocorrências, alguns exemplos sugerem haver uma relação entre a não-ocorrência do locativo e o fato de o verbo da sentença corresponder a um caso prototípico de verbo-suporte (Neves, 1996), como nos exemplos a seguir:

(8) *também tem problema... pescar pra quê?* (70-165)

(9) *rogamos as pessoas (...) que querem continuar com as assinaturas, que mandem a typographia renovar-as para não haver interrupção.* (Jornal paranaense de 1845)

O sintagma preposicionado para a expressão de lugar é o que vai corresponder, em geral, a um sintagma nominal sujeito de estruturas possessivas, conforme se observa em 10 e 11.

(10) *nessa Rua tem apenas uma casa* (90-140)

(11) *Essa Rua tem apenas uma casa.*

Para CAMARA JR. (1973: 103), "a mudança de tipo de frase indica uma mudança de formulação mental". O emprego de uma expressão locativa como sujeito acompanhava o *habere* no latim vulgar, exatamente como em português, como no exemplo clássico – *A África tem muitos leões*. Segundo o autor, a construção impessoal permite visualizar o lugar como "cenário" em vez de partir-se dele como de um "possuidor". E, ainda, "que se trata de uma tendência de formulação mental, prova-o o vulgarismo brasileiro, que repetiu a mudança com o verbo *ter* nas mesmas condições (*Na África tem leões*)". Dessa forma, as frases com *ter/haver* impessoal apresentam o predicado como um fato considerado em si mesmo, sem referência a um possuidor que a ele seja externo, como ocorre nas estruturas possessivas.

Os últimos resultados obtidos vêm demonstrando haver uma relação entre a posição do locativo – anteposto ou posposto ao verbo da sentença – e a ocorrência de um pronome expletivo como sujeito de expressões existenciais. Essa questão será abordada mais adiante, mas ressalte-se que observações assistemáticas vinham sugerindo que o preenchimento da posição de sujeito em construções com o verbo *ter*, estruturas tipicamente impessoais, poderia ser caracterizada como uma mudança em progresso. Comparem-se as construções (12) e (13), semanticamente idênticas, com os pronomes *você/a gente* na segunda, sem qualquer papel semântico e/ou referência específica:

(12) *Tem muitos mendigos pelas ruas do Rio de Janeiro*

(13) *Você/A gente tem muitos mendigos pelas ruas do Rio de Janeiro*

Os trechos de (14) a (18), da amostra NURC/RJ, apresentam formas expletivas em contextos existenciais. Repare-se que a implementação do pronome não acarreta qualquer prejuízo ao sentido da frase em seu contexto de ocorrência, o que confirma, pelo menos em princípio, o seu caráter expletivo:

(14) *principalmente em Kioto, que era a antiga capital do Japão, você tem esses templos, lado a lado com prédios e ruas de comércio, ruas de pedestres (...) os negócios são imensos, né,*

e lá você tem o castelo do cara, por exemplo, tem jardim, tá, com lago em volta e tem o castelo (...) e engraçado que as próprias residências, principalmente antigas, né, do Japão, você não tem mobília, né. (90-012)

(15) a gente tem uma aglomeração de pessoas aqui na Tijuca. (90-002)

(16) como peixes mais finos, você tem o badejo, o robalo. (70-002)

(17) além da diretoria do clube, você tem os diretores de futebol, o vice-presidente de futebol e tal... (70-052)

(18) nesses shoppings você tem bons médicos de homeopatia... (90-002)

Esses casos têm sido explicados como decorrentes da perda, no português do Brasil, do princípio "Evite pronome" (Duarte, 1995, 1999). Segundo essa hipótese, o português brasileiro estaria se aproximando de línguas como o inglês e o francês, em que o preenchimento da posição de sujeito é obrigatório. Trata-se de um movimento iniciado em estruturas com sujeito de referência definida e depois estendido aos de referência arbitrária, atingindo ainda aquelas estruturas em que o lugar do sujeito é vazio porque não-referencial, que corresponde ao caso das construções existenciais. Esses casos serão comentados em outra seção, quando será destacada a relação entre a presença do locativo e o preenchimento da posição do sujeito.

### 3 Fatores intralingüísticos

Os resultados obtidos com base nos *corpora* do projeto NURC/RJ revelam que, na fala culta oral, a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou: 69% *versus* 31%, respectivamente, conforme se observa na figura 1, que reúne os dados de 70 e 90. O confronto das duas décadas, apresentado na figura 2, sugere uma mudança em progresso: o percentual de *ter* salta de 63% em 70 para 76% em 90.

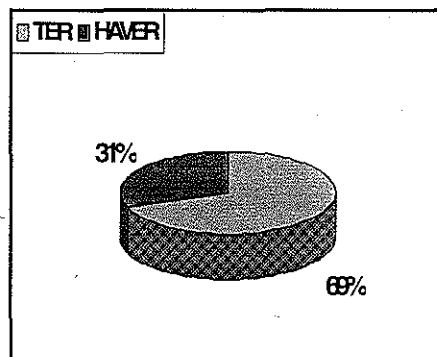


Fig. 1: Variação *ter/haver* em construções existenciais na fala culta carioca (70 e 90)

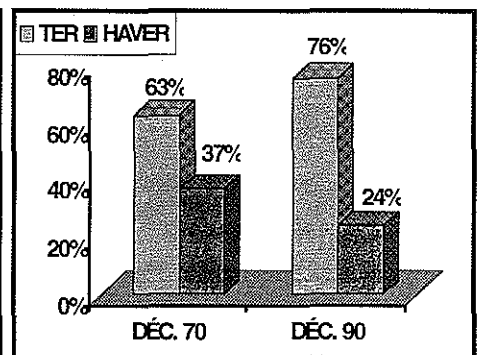


Fig. 2: Variação *ter/haver* em construções existenciais na fala culta carioca (década 70 e década de 90)

Analisando dados do português oral europeu, Eleutério (2000) registra a possibilidade de ocorrência de *ter* existencial, mas chega à conclusão de que *haver* permanece especializado ainda hoje como o verbo que exprime existência, de alguém ou de algo, concreto ou abstrato. Em uma amostra de falantes de escolaridade superior do *corpus* do *Projecto Português Fundamental*, gravado na década de 70, a frequência de *haver* é de 80% versus 20% de *ter*, o que confirma ser o emprego dessas formas um fator de diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu.

Na fala culta carioca, quatro fatores – dois intralingüísticos e dois extralingüísticos – apresentam-se como relevantes, tanto em 70 como em 90, para ocorrência de uma ou outra forma: o *tempo verbal*, a *especificidade semântica do argumento interno*, a *faixa etária* e o *gênero do informante*.

No que diz respeito ao tempo verbal, cerca de 94% das ocorrências restringem-se às formas do presente e dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo. As construções no passado favorecem a ocorrência de *haver*, enquanto as no presente favorecem a de *ter*. A figura 3 ilustra essa oposição: o percentual de *ter* em sentenças no pretérito perfeito chega a apenas 10% em 70 e 35% em 90, enquanto no presente a frequência alcança 70% e 90%, respectivamente. No pretérito imperfeito, a distribuição praticamente não se altera de uma década para outra, mantendo-se em torno de 65%. Nas outras formas, que somam apenas 6% das ocorrências, a frequência de *ter* passa de 47% em 70 para 62% em 90.

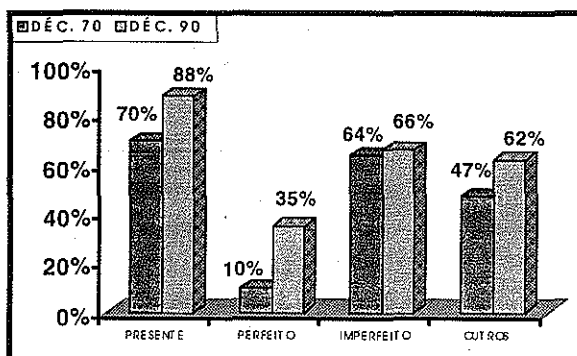


Fig.3: Frequência de *ter* por tempo verbal nas décadas de 70 e 90.

Os pesos relativos ao *presente*, *pretérito perfeito* e *pretérito imperfeito*, fornecidos pelo VARBRUL para a ocorrência de *ter*, estão indicados na tabela 1. Os números sugerem que *haver*, no português oral, tornou-se um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos do sistema "passado". Etapas posteriores da pesquisa permitirão verificar essa hipótese, o que será possível com o controle de uma variável que abarque o tipo de discurso quanto à intenção do falante – *narrar*, *descrever* ou *argumentar*. De fato, observações assistemáticas já vinham revelando que *haver*, em contextos narrativos, é mais freqüente que *ter*. Ressalte-se, contudo, que, mesmo em construções com pretérito perfeito, ampliou-se, de 70 para 90, o uso de *ter*.

TEMPO VERBAL	DECADA DE 70	DECADA DE 90
PRESENTE	.60	.60
PRETÉRITO PERFEITO	.09	.38
PRETÉRITO IMPERFEITO	.44	.45

Tabela 1 – Peso relativo aos tempos verbais para a ocorrência de *ter*

Sobre o conteúdo nocional do argumento interno, que também se apresenta como relevante para a ocorrência de *ter* ou *haver*, o estudo sistematizou uma classificação que prevê cinco especificidades: **animado** (19) e (20), **inanimado material** (21) e (22), **espaço**—designação de locais públicos, bairros, cidades, regiões (23) e (24), **abstrato** (25) e (26) e **evento** (27) e (28).

(19) *há mulheres que se comportam da mesma maneira que homens* (70-233)

(20) *aqui, no Leblon, tem o padre Zeca* (90-347)

(21) *havia muita banana* (70-140)

(22) *tinha biscoitos na Colombo* (90-002)

(23) *havia alguns cinemas na cidade* (70-259)

(24) *tem bairros sensacionais fora de Salvador* (70-255)

(25) *não havia uma censura tão grande, não havia exageros* (70-259)

(26) *não tem mais o charme que tinha* (70-255)

(27) *foi uma fase que houve concursos públicos* (70-164)

(28) *quando eu fiz quinze anos, teve uma festa maravilhosa* (90-002)

A figura 4 mostra a frequência de *ter* e *haver*, respectivamente, para cada tipo de argumento interno, nas duas décadas. Os argumentos com as especificidades *animado* e *inanimado*, que apresentam em geral o traço [+MATERIAL], favorecem a ocorrência de *ter*, enquanto a de *haver* é mais frequente entre os tipos *abstrato* e *evento*, marcados pelo traço [-MATERIAL].

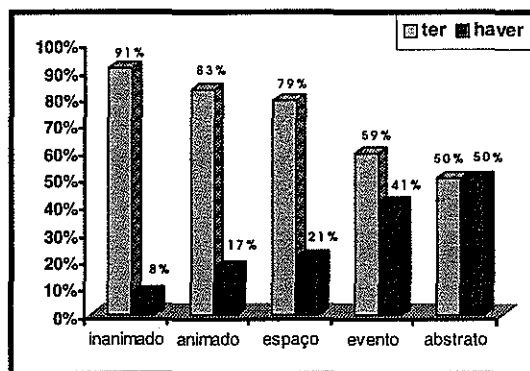


Fig. 4: Frequência de *ter* e *haver* pela especificidade semântica do argumento interno, juntando as duas décadas.



Em geral, o verbo que ocorre com um argumento para expressão de evento não encerra um sentido propriamente existencial, não admitindo uma substituição "eficaz" por *existir*. Nesses casos, dá-se a acepção de *ocorrer*, *acontecer* ou *realizar-se*, como se observa nos exemplos (29), (30) e (31):

(29) *um dia que houve uma enxurrada aí, eu me orientei perfeitamente* (70-273)

\* Um dia que **existiu** uma enxurrada aí...

Um dia que **aconteceu/ocorreu** uma enxurrada aí...

(30) *quando há uma seca muito violenta, naturalmente que não tem (água) mesmo* (70-247)

?...quando **existe** uma seca muito violenta...

...quando **ocorre/acontece** uma seca muito violenta...

(31) *toda vez que há uma festa...* (70-247)

? toda vez que **existe** uma festa...

toda vez que **ocorre/acontece** uma festa...

toda vez que **se realiza** uma festa...

A observação desses casos indica que, no português brasileiro oral contemporâneo, *haver* tem um sentido mais factual, para a expressão de fenômenos ou eventos, do que existencial, sendo este o sentido típico das ocorrências de *ter*.

Quanto à especificidade ABSTRATO, que também favorece a ocorrência de *haver*, a maior parte dos casos insere-se no que NEVES (1996) apresenta como casos prototípicos de verbos-suporte, que constituem estruturas cujo objeto ocorre sem determinante, não havendo portanto referencialidade, como nos exemplos de (32) a (39):

(32) *não há vantagem assim de imediato* (90-164)

(33) *não há tempo para que ele participe das atividades* (90-164)

(34) *houve mudança de estado de coisas em Copacabana* (70-273)

(35) *não estava havendo necessidade* (90-164)

(36) *quando há possibilidade de combinar* (70-114)

(37) *não há apoio* (90-164)

(38) *parece que há problemas* (70-188)

(39) *não havia jeito* (70-088)

A ampliação dos dados permitirá confirmar essa oposição entre os dois verbos quanto ao conteúdo nocional dos seus argumentos, bem como o aumento da frequência de *ter* em contextos que, na década de 70, favoreciam a ocorrência de *haver*.

#### 4 Fatores extralingüísticos

Quanto à variante faixa etária, a frequência de uso do *ter* aumenta, de uma década para outra, em todas as faixas, chegando a 98% entre os falantes mais jovens em 90, o que parece indicar uma mudança em progresso. Os resultados acerca do comportamento da comunidade e individual, conforme apresentam as figuras 6 e 7, respectivamente, demonstram, por outro lado, que o padrão de distribuição desse verbo, por faixa etária, se mantém nas duas décadas – quanto mais jovem o falante, maior a frequência de uso do *ter*.

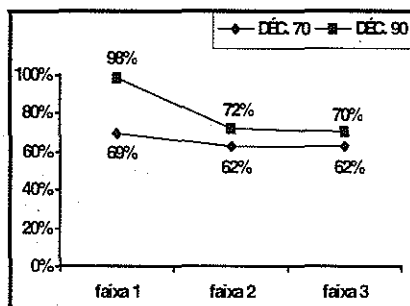


Fig. 5: Frequência de uso do *ter* por faixa etária, em 70 e 90 (comportamento da comunidade)

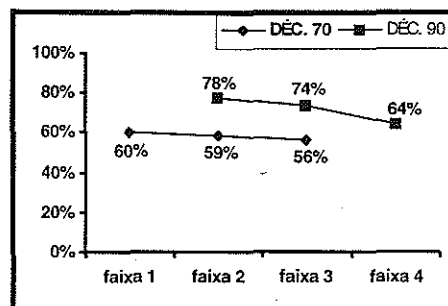


Fig. 6: Frequência de uso do *ter* por faixa etária, em 70 e 90 (comportamento individual)

Foi possível ainda constatar que, na década de 70, as mulheres utilizam mais o *ter* do que os homens (69% versus 47%, respectivamente). Em 90, a frequência de uso da forma situa-se em torno de 75%, sem distinção de gênero. Esses percentuais demonstram que o comportamento das mulheres, basicamente, não se alterou. A mudança de 70 para 90 dá-se entre os falantes do sexo masculino, entre os quais o uso de *ter* cresce de 47% para 74%.

Não há ainda hipóteses para explicar esses números referentes à variável *gênero*. Prevê-se, em etapas posteriores da pesquisa, um estudo que abarque outros fatores sociais, como a região de residência do informante e sua profissão. Ressalte-se que esses percentuais vão ao encontro de outros resultados que atestam ser as mulheres as que lideram as mudanças na direção de um uso não estigmatizado. Aqui optou-se, contudo, por não abrir discussões acerca do assunto, tendo em vista que a quantidade de dados é ainda pequena para tecer qualquer conclusão nesse nível.

Como trabalho de referência sobre condicionamentos extralingüísticos no uso de *ter* e *haver*, destaca-se o de Cardoso (1986), que, ao analisar a fala culta de locutores de mais de 55 anos em cinco capitais brasileiras, aponta uma diferenciação da norma de uso em relação à origem geográfica do falante: em Porto Alegre o uso predominante é de *ter*, no Rio de Janeiro há um equilíbrio entre *ter* e *haver* e em São Paulo, Salvador e Recife, o uso predominante ainda é de *haver*. O que se põe, para a autora, é a aceitabilidade da forma por parte da comunidade em

geral, questão fundamental para o ensino, que ainda hierarquiza as duas formas verbais. Observações assistemáticas, inclusive, levam a formular a hipótese de que, no português brasileiro atual, a criança só adquire o verbo *haver*, nessas estruturas, durante o seu processo de aprendizado na escola.

## 5 O sujeito expletivo

Os primeiros resultados sobre a presença do sujeito expletivo também sugerem uma mudança em progresso: da década de 70 para a de 90, a frequência de preenchimento salta de 3% para 11%, conforme se observa na figura 7. A observação por faixa etária nas duas décadas confirma as impressões iniciais de serem os falantes mais jovens de 90 aqueles que estariam implementando, mais efetivamente, o uso do expletivo, conforme se ilustra na figura 8: enquanto na década de 70 a frequência de preenchimento se mantém em torno de 2% para todas as faixas etárias, na de 90, entre os informantes da primeira faixa, o percentual chega a 19%.

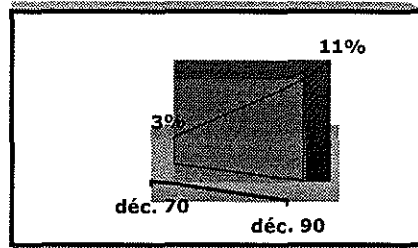


Fig. 7: Frequência do expletivo em construções existenciais, nas décadas de 70 e 90.

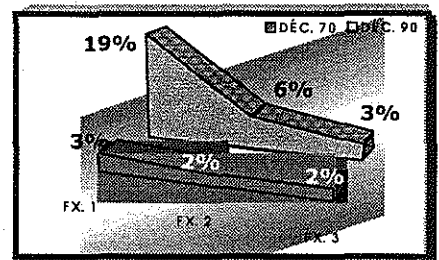


Fig. 8: Frequência do expletivo por faixa etária em construções existenciais, nas décadas de 70 e 90.

Quanto a possíveis condicionamentos e contextos bloqueadores à ocorrência dos expletivos, já há resultados preliminares envolvendo a ocorrência de um constituinte locativo ou temporal. Os números mostram que a frequência do expletivo é maior quando a expressão locativa aparece anteposta ao verbo existencial, chegando a 50%, conforme se ilustra na figura 9. Para os casos de expressões locativas postostas ou implícitas no contexto, as frequências ficam, respectivamente, em 16% e 23%, e para os casos em que nem mesmo uma expressão locativa é inferível, em 8%.

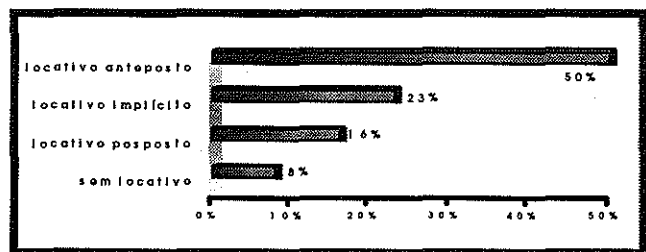


Fig. 9: Frequência do expletivo em contextos existenciais com o verbo *ter*, entre os falantes mais jovens na década de 90, considerando a colocação da expressão locativa na sentença.

Em princípio, parece não haver qualquer gradação de aceitabilidade que justifique a baixa frequência da implementação do sujeito em estruturas com o locativo posposto. Construções como em (40) são tão bem formadas quanto a construção em (41).

(40) *Você tem muitos mendigos no Rio de Janeiro.*

(41) *No Rio de Janeiro você tem muitos mendigos.*

Uma observação mais detida sobre algumas construções existenciais revela existir o que aqui provisoriamente vamos chamar – por falta de termo mais adequado – de “sensibilidade referencial”, envolvendo a posição do sujeito e determinadas posições do interior do sintagma verbal. Dentro da Teoria da Ligação, do modelo de Princípios e Parâmetros, essa sensibilidade poderia ser formalmente descrita como uma co-indexação entre a posição do sujeito, ocupada nas existenciais por um *pro*, e um termo dentro do SV – seja o locativo, seja adjuntos ligados ao complemento ou ao núcleo nocional do locativo. A possibilidade de construções de posse semanticamente paralelas às existenciais, como em (50), (51) e (52), confirma essa relação entre a posição de sujeito e determinadas posições no interior do SV:

(42) *pro<sub>i</sub> tem muitos amigos de Luís<sub>i</sub>, que não gostam de pagode.*

(42') *Luís tem muitos amigos que não gostam de pagode.*

(42'') *Luís<sub>i</sub> tem muitos amigos seus<sub>i</sub>, que não gostam de pagode.*

(43) *pro<sub>i</sub> tem uma mancha no rosto do rapaz<sub>i</sub>.*

(43') *O rosto do rapaz tem uma mancha.*

(44) *pro<sub>i</sub> tem uma mancha no rosto do rapaz<sub>i</sub>.*

(44') *O rapaz tem uma mancha no rosto.*

(44'') *O rapaz<sub>i</sub> tem uma mancha em seu<sub>i</sub> rosto.*

A inserção de um expletivo em contextos como os de (42) a (44) compromete a aceitabilidade da nova construção, conforme se observa em (45) e (46):

(45) ? *Você<sub>o</sub> tem muitos amigos do Luís<sub>i</sub>, que não gostam de pagode.*

(46) ? *Você<sub>o</sub> tem uma mancha no rosto do rapaz<sub>i</sub>.*

A implementação do expletivo parece, dessa forma, ser “facilitada” naqueles contextos cuja posição de sujeito se encontra referencialmente livre, isto é, não co-indexada com qualquer constituinte do interior do SV. A ocorrência de sintagmas locativos no SV, ainda que não implique uma menor aceitabilidade quando em co-ocorrência com o expletivo fonético, pode atuar, dessa forma, como um obstáculo à

implementação do sujeito, o que, em princípio, justifica esses primeiros resultados.

Mas é ainda preciso discutir o próprio *status* desse pronome expletivo, a fim de verificar por que, mesmo sendo semanticamente “vazio”, a realização fonética do expletivo é mais freqüente em contextos referencialmente livres. Tal expletivo não teria ainda, em português, um certo valor semântico-discursivo, daí sua baixa probabilidade de ocupar contextos referencialmente marcados? E se isso for verdade, o que aqui chamamos de expletivo pode ser considerado como tal?

Ainda sem respostas para essas questões, tem-se apenas como certo que as dificuldades para a apreensão de contextos bloqueadores dos expletivos são intrínsecas à própria natureza do processo de mudança. É possível que tal processo se encontre em uma fase de instabilidade, bastante comum em mudanças que envolvem propriedades paramétricas.

## 6 Considerações finais

Em trabalho sobre o português do século XIX, Tarallo (1996) defende a emergência de uma gramática “brasileira”, com diferenças estruturais marcantes em relação à portuguesa. Partindo de evidências quantitativas, o autor assinala que “o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final do século XIX, de sua própria língua/gramática” (p.99). Uma das mudanças apresentadas por Tarallo é a re-organização do nosso sistema pronominal, com a conseqüente “implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais freqüentes de outro” (p. 82).

O aumento na freqüência de sujeitos lexicais é um aspecto que parece ser fundamental para a questão que norteia o presente estudo: no português do Brasil, a eliminação de *haver* pode estar relacionada com o fato de esse verbo ser incapaz de projetar uma posição para a realização de um sujeito fonético, diferentemente do que ocorre com o *ter*.

Nesse sentido, o uso cada vez mais freqüente de *ter* e a implementação de sujeitos expletivos em contextos existenciais viriam a ser conseqüências daqueles aspectos apresentados por Tarallo para o século XIX e a corroborar os resultados já apresentados por Duarte (1995; 1999) sobre a posição do sujeito: a redução do nosso paradigma flexional levou a mudanças no chamado parâmetro do sujeito nulo, o que estaria conduzindo o português do Brasil à condição das línguas não *pro-drop*, como o francês e o inglês.

O português brasileiro estaria, assim, diante de uma etapa crucial na formação de sua gramática: de um lado, a manutenção de *haver* no sistema está ameaçada; de outro, assiste-se ao começo de um “golpe final” nas construções impessoais, processo já bem avançado entre as sentenças existenciais realizadas pelos falantes mais jovens. Aludindo à tese de Tarallo, não seria essa uma nova face da língua/gramática do cidadão brasileiro no final do século XX?

### Abstract

*Analysis of the use of the verbs **ter** ('to have') and **haver** ('there to be') in existential sentences, trying to establish patterns of distribution and point to the structural and social factors that are responsible for its alternation of use. The results are based on qualitative and quantitative analyses in real time and in apparent time. The data are taken from written corpora, spanning the 13<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> century, as well as from oral corpora, consisting of informal interviews with University graduates (standard dialect) from Rio de Janeiro, stratified for age and gender. The spoken samples were recorded in the 70's and in the 90's, for a panel and trend study. Constraints are proposed in line with different hypotheses and we conclude that the frequency of use of **ter-existential** clauses increases gradually over time and its origin may be traced back to the 16<sup>th</sup> century. We also discuss the presence of a pronominal subject, generally *você* ('you') or a *gente* (people), in **ter-existential** clauses, that might be observed in a wider set of changes in Brazilian Portuguese.*

*Keywords: existential clauses; variation; change.*

### Referências

CALLÓU, Dinah & AVELAR, Juanito. *Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX*. Comunicação apresentada no III Seminário do Projeto "Para uma história do português brasileiro", UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ter e haver no português do Brasil*. Conferência apresentada no Congresso Internacional sobre os 500 anos de língua portuguesa no Brasil, em maio de 2000, na Universidade de Évora, em Portugal, 2000.

CARDOSO, Suzana. *Ter/haver no português do Brasil: mudança lingüística e ensino*. In: *Atas do I Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil*. Salvador/UFBA, 1986.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado: UNICAMP, 1995.

- \_\_\_\_\_. Sociolingüística paramétrica: perspectivas. In HORA, Demerval & CRISTIANO, Elizabeth (orgs.) *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa, Idéia, 1999. p. 107-114.
- ELEUTÉRIO, Sílvia. *As estruturas existenciais e os tempos compostos em corpus do português europeu*. Pós-graduação em Letras Vernáculas: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 3 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962.
- FRANCHI, Carlos *et alii* (1998). Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/haver. *D.E.L.T.A*, v. 4, p. 105-131, 1998.
- KATO, Mary (1996) Como, o que e por que escavar? In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.) *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69-105.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- MATEUS, Maria Helena M. *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 2 ed. Coimbra: Almedina, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia. V. 19.
- \_\_\_\_\_. A variação *haver/ter*. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (org.) *A carta de Caminha – testemunho lingüístico de 1500*, Salvador: EDUFBA, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Estruturas trecentistas – elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.
- NEVES, Maria Helena Moura. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, Ingedore (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- RIBEIRO, Ilza. A formação de tempos compostos; a evolução histórica das formas *ter, haver* e *ser*. In: KATO, Mary & ROBERTS, Ian (orgs.) *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 12 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: KATO, Mary & ROBERTS, Ian (orgs.) *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69-105.

VIOTTI, Evani. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1999.